

Vidas Arriscadas: um estudo sobre jovens inscritos no tráfico de drogas

Marisa Feffermann¹

Este trabalho é uma reflexão resultante de um estudo de campo de duração de quatro anos com jovens inseridos no tráfico de drogas da periferia de São Paulo (FEFFERMANN, 2006). A complexidade destes discursos permitiu a percepção da inserção destes jovens nas relações de trabalho do comércio ilegal de drogas. O tráfico de drogas, como qualquer indústria, funciona sob a mesma lógica do capital; desta forma, os 'trabalhadores', em todas as etapas de produção, são 'sacrificados', e passam por idêntica dominação e pelos sofrimentos advindos das condições sociais injustas reproduzidas na sociedade.

A realidade destes jovens mostra toda a violência incrustada na economia ilegal do tráfico. Na periferia da cidade, da economia e do tráfico, os jovens sofrem e são coadjuvantes dessa violência, de forma cruel e avassaladora. Constatou-se que o tráfico de drogas faz parte da vida de parcela da população das periferias da cidade de São Paulo, e a morte é uma das principais conseqüências.

Entre os elementos para a caracterização dessa realidade pode-se perceber: a violência, a falta de infraestrutura, pouca ou nenhuma participação do Estado em alguns setores e uma grande participação do aparelho repressor do Estado atuando de forma arbitrária.

Absorvidos nessa encruzilhada, um número maior de jovens alinha-se nesta dinâmica. O tráfico de drogas em São Paulo dissemina-se, arregimentando muitos protagonistas; existem, segundo o DENARC – Departamento Estadual de Narcóticos (FEFFERMANN, 2006), mais de cinco mil 'microtraficantes', ou 'pontos-de-droga'.

Estes jovens, por vezes, vivem situações inusitadas, em que o momento presente é o único tempo que lhes é possível. O seu futuro, freqüentemente, não é incerto. Muitos sabem que vão morrer, ou pela bala de um revólver da polícia, ou pelo traficante. Trabalham no comércio ilícito, o varejo de drogas. Fazem parte de uma população que se constitui como exército de reserva de mão-de-obra, à disposição do mercado oficial (formal e informal) e, por vezes, não-oficial. Desempregados, estão a serviço das necessidades da expansão do capital, tanto lícita quanto ilícita. Desta forma, são obrigados a desenvolver estratégias de sobrevivência ou são impulsionados a transpor a margem tênue das contradições da sociedade capitalista.

O Mundo do Trabalho

O tráfico de drogas está inserido na sociedade em que o modo de produção estabelece relações sociais e econômicas. O que caracteriza todo modo de produção é sua dinâmica, portanto, a contínua reprodução de suas condições de existência permite pensar na totalidade social como uma estrutura dominante, na qual a instância econômica é, enfim, determinante.

O processo crescente da globalização implica na mudança qualitativa das relações entre capital e trabalho e entre capital e Estado, no 'Estado de bem-estar social'. O desemprego e a precariedade das relações de trabalho são conseqüências deste processo, pois a instalação de novas tecnologias foi utilizada para organizar o processo de internacionalização. As transformações tecnológicas e de organização aplicadas ao sistema produtivo incidiram diretamente sobre o trabalho e vêm provocando demissões de vulto entre os trabalhadores.

Esse processo foi propício para o crime organizado, facultando um fluxo relativamente livre de capitais por meio de sistemas informatizados, com capacidade de influir nos rumos da política financeira de um país. Desta forma, a globalidade do crime está imbricada neste processo global. Realidades que se entrecruzam em inúmeros pontos, em redes cada vez mais apertadas, que não permitem o surgimento do indivíduo. Sugere-se que o limiar entre a lei e o que está fora da lei apresenta-se cada vez mais tênue. Numa sociedade na qual as relações de forças sociais são desiguais, a forma de se constituir padrões de comportamento torna-se, de um lado, cada vez mais inflexível, e de outro, totalmente ambivalente e contraditória, caracterizando uma situação na qual o processo civilizatório desvincula-se das necessidades do ser humano, reiterando a lógica do capital.

Os jovens envolvidos no tráfico de drogas constituem-se na tensão com esta realidade objetiva. Uma malha que os enreda a cada movimento. Neste emaranhado de fios, que se entrelaçam e se desfazem, vão construindo a sua forma de estar no mundo: em condições que podem ser consideradas quase irracionais, beirando a barbárie.

Está-se diante de um crescimento de um desemprego

¹Psicóloga, Mestre e Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo e Pesquisadora Científica do Instituto de Saúde da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo. Contato: marisaf@usp.br

estrutural, o que significa que uma parcela da população é lançada para a economia informal. De um lado, o trabalho social apresenta-se de forma cada vez mais complexa e com elevado grau de desenvolvimento tecnológico; de outro, uma grande parcela dos trabalhadores vivem em total estado de miséria: “Dentro das relações de produção vigentes, a humanidade é virtualmente o seu próprio exército de reserva e é sustentada” (ADORNO, 1994, p. 69). Os sistemas social, político e econômico vigentes, alicerçados na acumulação do capital, criam e reproduzem uma reserva de força de trabalho desempregada ou parcialmente desempregada, e uma grande parcela desta população passa a desenvolver estratégias de sobrevivência, sendo que alguns transpõem o limite da legalidade.

Esta situação é muito complexa quando se considera o trabalho como agente importante para a constituição da identidade. Marx (1999) afirma que o trabalho é uma “atividade produtiva de um determinado tipo, que visa a um objetivo determinado” e este aspecto da atividade de trabalho “é uma condição da existência humana independentemente de qual seja a forma de sociedade; é uma necessidade natural eterna que medeia o metabolismo entre o homem e natureza e, portanto, a própria vida humana”. Assim, o homem, na interação com o trabalho, transforma a si mesmo e o meio em que vive.

Os jovens desta pesquisa são apêndice ora indispensáveis ora descartáveis, nas conexões internacionais da ‘indústria’ do tráfico de drogas, a de maior rendimento.

Estes jovens foram analisados segundo esta organização de trabalho, como ‘trabalhadores’ do mercado de drogas ilícitas, um perigoso e sedutor negócio. Esta inserção lhes dá possibilidade de trabalho e de consumo.

O tráfico de drogas, como se apresenta, é parte integrante do sistema econômico vigente, que, a partir da ‘lavagem de dinheiro’, faz circular incontáveis quantidades de dólares. Constitui-se em uma economia ‘ilegal’ sem nenhum mecanismo de regulação. É uma indústria que necessita de uma grande estrutura, envolvendo interligações com países, pois o processo exige: plantação, transporte, distribuição, transformação química, empacotamento e várias outras atividades. Entende-se o tráfico como forma de organização aqui denominada de ‘trabalho’, informal e ilegal, que emprega grande número de jovens na sua estrutura.

Os pontos-de-venda de drogas estão espalhados por toda São Paulo, cada um com características específicas em relação ao produto, à procura, à administração. Esta situação justifica uma estrutura bélica, necessária para enfrentar o sistema repressor e a concorrência, quando se busca ampliar o comércio. Na realidade, cria-se um círculo vicioso onde a quantidade e a natureza das armas também indicam e mantêm o ponto-de-venda em destaque. Pode-se considerar que as drogas e as armas são fatores que determinam o poderio desses ‘pontos’. A conquista de mercados e a busca de lucros são razões

para todo esse processo de competição. Estrutura-se paralelamente uma sociedade que estabelece as mesmas condições de dominação, ou seja, uma forma em que sobrevive o mais forte.

Este ‘trabalho’ é também alienado e mediatizado pela economia burguesa. A diferença, ou melhor, o grau, é o valor da ‘força de trabalho’, que, no caso do tráfico, pode de forma explícita significar a própria vida. Pode-se perceber como as relações no tráfico aparecem, de forma exacerbada, semelhantes às que ocorrem nas relações de trabalho legais. O valor da força de trabalho representado pelo salário, no caso dos jovens empregados do tráfico, a porcentagem da venda da droga e o valor que ela cria durante o processo de trabalho, são a explicação para o valor excedente apropriado pelo capitalista.

O tráfico de drogas mantém a mesma estrutura de um trabalho legal, como a divisão de trabalho permeando as relações entre os trabalhadores e o produto. As tarefas são distribuídas e cada um deve exercê-las com responsabilidade, pois o preço do não-cumprimento da tarefa pode ser muito alto.

As relações existentes no tráfico de drogas também visam o lucro e a manutenção do poder vigente. Esses jovens no tráfico, homogeneizados pela indústria cultural, buscam, pela aquisição de bens, o reconhecimento e a valorização social. Respondem à promessa constante da indústria cultural, na qual o consumo materializa o poder e desta forma, correspondem à expectativa da sociedade atual.

Os jovens trabalhadores do tráfico vivem em constante risco, em constante estado de alerta e buscam se antecipar ao perigo e apropriar-se de todas as suas possibilidades. A força de trabalho, sob a égide do valor de troca, dá a possibilidade de substituição do homem em todos os seus postos de trabalho. Os trabalhadores são tratados como objetos que podem ser descartados. A questão da substituição, em relação ao tráfico de drogas, é um aspecto relevante. Frise-se que estes jovens, ao realizarem o processo de trabalho, estabelecem entre si determinadas relações: de colaboração e ajuda mútua, de exploração, ou de transição entre os dois extremos. E estas relações, que os homens estabelecem entre si no processo de trabalho, são as que determinam o caráter que este processo assume em uma sociedade historicamente determinada.

Na força de trabalho destes jovens está embutido o risco assumido para proteger o patrão. São o elo entre o dono do ponto-de-venda e os consumidores, fregueses da droga. São os jovens traficantes que garantem a circulação da droga, contratados para assumir o risco maior: de serem detidos ou mortos pelos policiais. No contrato, uma das condições explícitas é a lealdade com o patrão, o silêncio em relação a sua identidade. A arma é instrumento de garantia da segurança do ‘vendedor’, alguns ‘pontos’ oferecem ao ‘trabalhador’ tal garantia; em outros, entendem que esta é opção do mesmo. Os

jovens vendem sua força de trabalho e isto envolve assumir o risco do combate e enfrentamento com a polícia e com 'concorrentes'.

Sugere-se que os jovens 'vendedores' – 'trabalhadores' da indústria do tráfico, têm obrigações e seguem regras de trabalho. O contrato existente nas relações de trabalho é verbal. A punição para o desrespeito de uma regra pode ser a morte. Vivem a ilegalidade, o sigilo e a necessidade de estar em constante estado de alerta. O uso da arma faz parte deste processo. Nestas condições, passam a pertencer a um grupo, a adquirir objetos de consumo, o que seria quase impossível por outros meios. Também, por causa disto, são reconhecidos e respeitados. Estas atitudes são reforçadas pela sua faixa etária, que em conjunto com o risco e a transgressão, tornam estes jovens a parte mais vulnerável desta engrenagem.

Sugere-se que estes grupos reúnem condições para construir relações sociais subjacentes à marginalidade, especificamente em relação ao tráfico. No caso específico deste estudo sobre o tráfico de drogas, a violência torna-se a forma de se instituir as regras de convivência. Estes fatores contribuem na constituição de subjetividades que reproduzem e acirram esta violência.

A aproximação desses jovens permitiu o delineamento de alguns traços que constituem sua subjetividade: a tensão existente entre indivíduo e sociedade. Essa subjetividade é constituída por comportamentos compulsivos, talvez por conta do risco, no qual a astúcia é a forma empregada o tempo inteiro na tentativa de contornar as situações opressivas do cotidiano, o que permitem tomar decisões até nas piores condições, e a crueldade é a resposta a numerosas humilhações sofridas.

São jovens que se constituem com a mesma lógica da sociedade capitalista: recebem influência dos mesmos ícones de competição, poder, astúcia, mulher, dinheiro, arma, carro, entre outros, que lhes dão legitimidade. Constitui-se, assim, uma sociabilidade na qual a busca do poder ocorre por meio de elementos legitimados e re-significados a partir dos modelos do discurso dominante. Observa-se que a perspectiva de morte faz desses jovens reféns de uma sobrevivência sofrida e angustiada, cada dia de suas vidas lhe é apresentado como uma prorrogação da existência: são os sobreviventes.

Referências Bibliográficas:

- ADORNO, T.W. Educação após Auschwitz. In: COHN, G. (org.) **Theodor W. Adorno**. São Paulo: Ed. Ática, Coleção Grandes Cientistas Sociais (54), 1994.
- ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Tradução Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- CHESNAIS, F. A emergência de um regime de acumulação mundial predominantemente financeiro. **Praga**: estudos marxistas, n.3, p.19-46, set. 1997.
- FEFFERMANN, M. **Vidas arriscadas**: um estudo sobre jovens inscritos no tráfico de drogas. São Paulo: Vozes, 2006.
- FEFFERMANN, M. **Na fronteira da lei e do fora-da-**

lei: um estudo sobre o discurso de crianças e adolescentes da periferia do município de São Paulo. 1997. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

MARX, K. **Para a crítica da economia política do capital e o rudimento e suas fontes**. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Coleção Os Pensadores).

MINGARDI, G. **O estado e o crime organizado**. São Paulo: IBCCrim, 1998.

ZALUAR, A. Gangues, galeras e quadrilhas: globalização, juventude e violência. In: VIANNA, H. (Org.). **Galeras cariocas**: territórios de conflitos e encontros culturais. Rio de Janeiro: UFR, 1997. p.17-57.

